

CARTEL: POR UMA ESCRITA AUTORAL

Liane Trece

“Antes de mais nada, um princípio: o psicanalista só se autoriza d’ele mesmo. Esse princípio está inscrito nos textos originais da Escola e decide sua posição.

Isso não impede que a Escola garanta que um analista depende de sua formação.

Ela pode fazê-lo, por sua própria iniciativa.

E o analista pode querer essa garantia, o que, por conseguinte, só faz ir mais além: tornar-se responsável pelo progresso da Escola, tornar-se psicanalista da própria experiência.” (Lacan, Proposição de 9 de outubro de 1967; Outros Escritos, pp. 248, 2003)

A partir dos encontros no Espaço Moebius, das leituras dos textos de Lacan sobre o Cartel, desde *O Ato de Fundação*, de 1964, até o *D’Ecolage*, de 1980, no qual ele deu partida à Causa Freudiana e, principalmente, pelo que experimentei fazendo parte de um cartel que teve seu início em 2008 e término em 2010, este trabalho me serviu para refletir sobre a função da escrita no produto desse dispositivo considerado por Lacan como órgão de base da escola. Sendo este o dispositivo que mais se aproxima do discurso analítico, donde o participante torna-se psicanalista da própria experiência, possui singularidades que os outros não têm. Uma delas é, a meu ver, o que é produzido por cada participante ao final do cartel.

Partindo desse ponto, para melhor compreender o funcionamento do cartel e o porquê ser ele o dispositivo que mais se aproxima do discurso analítico, busquei estudar dois tipos de escrita: a “comum” e a “autoral”. A comum é um tipo de escrita que está condicionada à lei e que, regida pela

dimensão do Simbólico e do Imaginário, se apresenta de forma burocrática e recheada de sentido; o outro tipo, a escrita autoral é aquela que mais se aproxima do escrito, escrito que Lacan nomeia, no seminário 25, “O momento de concluir”, como sendo aquilo que há de mais Real. Diferente da escrita comum, a escrita autoral é um tipo de escrita de risco.

Neste momento, entendo que estamos envolvidos na árdua tarefa de dar as diretrizes desse dispositivo próprio à produção do analista.

Um momento necessário para que se restabeleçam alguns critérios mínimos de *funcionamento* da nossa comunidade analítica e dos seus dispositivos, e que, mais uma vez, torne possível para cada um encontrar seu lugar, *no qual cada um deverá ser referência de sua própria prática, de acordo com seu próprio estilo*, cabendo também a cada um e a todos *suportar os efeitos imaginários* que porventura venham a abalar e que põem em risco o funcionamento da instituição.

Desses efeitos imaginários não temos como fugir, pois são também a partir deles, sem aqui deixar de lado o Simbólico e o Real, que cada um dos participantes do grupo constrói suas realidades; realidades que, ao mesmo tempo em que sustentam os desejos, permitem a cada um “exibir suas ambições, rivalidades fraternas, suas escolhas e até mesmo o conhecimento. Conhecimento este sobre o qual Lacan não parou de alertar que se tem de desconfiar sempre: das suas referências, da natureza de sua “surdez” e da debilidade mental que ele comporta”, como está colocado na Carta de Intenção, escrita por Aurélio Souza e editada na nossa revista *Topos* de 1991.

Assim, me arrisco a dizer, um momento obrigatório que nos permitirá, mais uma vez, encontrar qual o traço que nos une, qual o nosso dispositivo base, qual a cara da nossa instituição.

Lembro que, como Aurélio bem o disse na supracitada Carta, o Espaço Moebius é um lugar “onde, por sua referência à letra e a este Outro

Real da linguagem, nos possibilita, topologicamente, estarmos dentro dele, juntos em assembleia, num enxame, porém também fora dele, cada um só, por sua própria conta” [...] “neste lugar, portanto, o que se espera é que sirva de ‘um lugar de repouso’, - (SCHOLÉ-latim- pausare - se deter, parar) - Um lugar de repouso para poder-se daí interrogar continuamente o discurso analítico e isso que está no seu centro: o Real em jogo na transmissão deste discurso e na *produção do psicanalista*.” (Aurélio Souza, Topos,1991)

Se na nossa instituição temos proposto o Cartel, isso não é sem importância. *Cartel*, como nós sabemos, foi inicialmente “formado por ao menos 3 pessoas e no máximo 5, sendo 4 a justa medida. Mais Uma.” (Lacan- Anuário da Escola, 1977). Com uma organização circular, não tem chefia, coordenação ou acesso a graus superiores. Lugar propício para a transferência de trabalho, pois, esta atividade só se sustenta se esta transferência estiver operando, já que, segundo o próprio Lacan, no texto Ato de fundação, o ensino da psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho.”

Em 1980, quando Lacan elege o Cartel como sendo o “órgão de base da escola”, recupera o que foi proposto para o seu funcionamento no ato de fundação da Escola Freudiana de Paris, aprimorando a sua formulação. Nesse documento diz que 4 se *escolhem* para *prosseguir* um trabalho que deve ter seu produto. Produto próprio a cada um e não coletivo. Dentre os cinco pontos recolocados por Lacan, no quarto ele esclarece:

Quatrièmement — Aucun progrès n'est à attendre,
sinon d'une mise à ciel ouvert périodique des
résultats comme des crises du travail. (Lacan, 1980)

Quarta - “Não se espera outro progresso senão o de uma periódica exposição dos resultados, assim como das crises de trabalho.” (Lacan, 1980)

Como a questão que trago para discutir com vocês está voltada para o produto de cada Cartel, por isso o título: Cartel – por uma escrita autoral, inicialmente tomarei o texto de Aurélio Souza (Topos, 1990) para nortear minhas reflexões em torno da escrita. Nele, Aurélio diz que o objetivo do trabalho no interior do cartel é o de ser, como colocado por Lacan, *um produto próprio a cada um, como numa experiência analítica*.

A proposta é que se trate de encontrar, neste produto, um Real, ou seja, algo que não dê tréguas ao sujeito, que se constitua como um resto, um dejetivo... O que importa, portanto, não é o conteúdo, o saber organizado, e sim o que se pode apreender desse Real através da função da letra; “que apareça bem-vestida e maquiada num belo texto é secundário, *pois o que o sujeito busca diante o Real não é o reconhecimento do Outro, pois este nem mesmo existe, mas de saber fazer algo que o satisfaça*.” (Aurélio, 1990)

O produto do cartel, que deve ser escrito, como estamos vendo, não é, me parece, da mesma cepa dos de outros dispositivos, também presentes na errância dos psicanalistas em produção, como os trabalhos que preparamos para as Jornadas, para os Fóruns e Congressos.

Essa diferença me parece crucial para entender o que há de singular no dispositivo chamado Cartel: cardo – dobradiça..., ou seja, aquilo que marca a sua diferença em relação aos outros dispositivos, como por exemplo, grupo de estudo ou seminários.

Para poder entender melhor do que se trata nesses escritos, Aurélio Souza, no texto já citado, propõe que se faça uma diferença entre letra e significante, ou até mesmo entre *escritura* e *escrito*, no que diz respeito ao “efeito”, para, a partir daí, talvez poder propor para o Cartel o que propôs

Lacan na introdução de *Scilicet*, revista da Escola Freudiana de Paris. Essa era uma revista que tinha como fundamento o princípio do *texto não assinado*, pelo menos por alguém que para ela levava um artigo como psicanalista. Ou seja, partindo desse prisma, talvez o mais indicado, se tratando do Cartel, é que esses produtos, se publicados, nem fossem assinados.

Vou aqui seguir a sugestão de Aurélio Souza e tentar - para dizer o que é para mim uma escrita autoral - fazer uma diferença entre letra e significante na obra de Lacan.

Primeiro, vou dizer o que estou nomeando de escrita autoral: uma escrita autoral é uma escrita que não está condicionada apenas à habilidade de escrever e cuja função ultrapassa a fixação, o registro da memória e a retenção da linguagem oral, assim como a comunicação e a interação entre os seres falantes. É uma escrita que traz a marca da invenção, que se caracteriza como sendo aquela que desvela, ao mesmo tempo em que vela as singularidades daquele que escreve. É uma escrita que advém da experiência e não do estudo teórico.

É diferente da “escrita comum”, que muitas vezes é técnica e burocrática, outras vezes metafórica e carregada de sentidos.

Assim, a “escrita autoral” é um escrito que resiste a toda espécie de interpretação ordenada, típica da racionalidade instrumental moderna. É uma escrita que surpreende, que escapa a toda lógica que tende a interpretá-la, a todo sentido que se busca imputá-la.

Partindo dessa hipótese, faz-se necessária a aproximação a alguns conceitos psicanalíticos, com o objetivo de tomar a letra a partir da dimensão do Real. Real definido por Lacan (1997b) como sendo o impossível, o inatingível, aquilo que está fora de qualquer simbolização ou imaginarização.

Tomar a letra a partir dessa perspectiva me leva a refletir sobre as três dimensões que, enodadas, de acordo com a teoria psicanalítica (LACAN, 1997b), formam a estrutura do ser falante, a forma como esta estrutura funciona: o Real, o Simbólico e o Imaginário.

Feita a aproximação com os conceitos que aqui considere fundamentais para a compreensão das diferentes categorias de escrita, volto a considerar as questões relativas ao ato de escrever no Cartel. Um escrever que, no meu entender, é escrever de forma inventiva. É escrever de tal forma que o sujeito escritor, diante do surgimento do novo, do inapreensível, do Real, experimenta algo que lhe é próprio e que vai se manifestar no exterior através das marcas deixadas no papel. É escrever com uma escrita que só é significada pelo próprio sujeito que a vivencia enquanto ato criador; experiência plena e gozosa, pois, escrever de forma inventiva é escrever absorto, inteiro naquilo que se faz, numa possível tentativa de barrar a angústia vivenciada. Não é este ato de “domesticar” realizado pelo escritor nos seus trabalhos teóricos que, apesar da “boa intenção”¹, visa ao reconhecimento do Outro, o que acaba por afastar aquele que escreve da sua própria escrita, aquela que lhe é mais significativa? Aquela que muitos consideram “desorganizada, fora de controle e caótica”: a escrita aqui nomeada de escrita autoral?

A outra face da Letra

A concepção da letra que estou trabalhando tem a ver com aquela definida por Lacan e difere de uma concepção de letra empregada para “designar cada um dos elementos gráficos de que é constituído um alfabeto e que são utilizados nas escritas alfabéticas.” (Dicionário de Linguística, p.360).

¹ Como diz o dito popular: “De boa intenção o inferno anda cheio”.

Em vários momentos da sua obra Lacan aproxima o conceito de letra ao de significante, contudo, em outros períodos, principalmente a partir do Seminário “A Identificação” (2003a), as definições de letra e de significante se distanciam, levando-nos a pensar em dois estatutos dados à letra completamente diferentes.

Como veremos, o problema da definição da letra a partir dessa dupla orientação se complica porque, se até o Seminário “A Identificação” (2003a), a letra da qual Lacan fala é a letra enquanto elemento diferencial do significante, em *Lituraterra* (1995-1996) ele vai chamar a atenção para o fato de nada levar a confundir, como já tinha ocorrido até então, letra com significante, e mais adiante, no Seminário “Mais Ainda” (1985b), afirma que a escrita não é da mesma cepa, do mesmo estofado do significante. A partir desta época Lacan vai dar à letra uma materialidade e uma estrutura diferentes das do significante.

No Seminário “A Identificação” (2003a), Lacan afirmava que a letra é justamente esta dimensão do significante pela qual este se distingue do signo, ou seja, a própria essência do significante. Até esse período, é a letra que vai possibilitar distinguir o significante linguístico do significante psicanalítico, ao ser introduzido na teoria psicanalítica o que é inerente à noção de letra: o efeito de cortar, rasurar, riscar, apagar e desaparecer...

Contudo, anos antes, no Seminário “A carta roubada” (1998a), baseado no conto de Allan Poe (1996) escrito a partir dos desvios de uma carta missiva e dos efeitos que ela causa naqueles que, sucessivamente, se fazem seus detentores, “por mais arrogante que estejam com o poder que ela lhes confere”, e em cujos termos se apoiará para poder dizer que uma carta/letra sempre chega ao seu destino, retifica uma ideia bastante difundida na época (e ainda hoje) que é aquela que defende que a

psicanálise trata os textos literários a partir de um saber já adquirido pela teoria, tomando-os como pré-textos para confirmar alguns pontos da constituição subjetiva, ou para interpretá-lo à luz dos seus conceitos ou categorias.

Já neste Seminário ele vai dar um outro estatuto ao texto escrito, trabalhando-o a partir da estrutura da linguagem que o produz, denunciando a diferença radical que existe entre a letra/carta e o significante.

No Seminário “De um discurso que não é do semblante” (1995-1996), retoma o Seminário “A carta roubada”, reafirmando que, independentemente do que acontecer, a letra/carta sempre prevalece, pois é ela, a carta/letra, que leva o significante no seu envelope e é exatamente isso o que Poe (1996) vai revelar no seu conto, permitindo à letra fazer todas as suas peripécias. *O escrito vai, então, operar como um resto que, ao não revelar o sentido, indica o modo como é tecido com os significantes que, na sua repetição, determinam as diferentes posições do sujeito na sua própria ficção.*

Demarcando o limite litoral entre a psicanálise e a crítica literária, chama a atenção para o fato de que não se trata de demarcar a fronteira, pois fronteira é uma marcação que tem a função de separar dois territórios, mas que possui um defeito: simboliza, para aquele que a cruza, que os territórios, apesar de separados, são do mesmo estofado, da mesma matéria; já o litoral, não. “A letra, então, é literal ao fundar o litoral²?”, interroga-se Lacan. (1995-96, p.113)

² De acordo com o Dicionário de Lingüística, (p. 395), qualifica-se por literal um estado de língua representado por textos escritos e mantido numa comunidade lingüística como língua de cultura, em oposição à língua falada ou vulgar.” Já no Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio, p. 851, *litoral* “é conforme a letra do texto”. Já *litoral* significa: “da praia, relativo a beira-mar.”(Nota da autora)

Litoral é o que coloca um domínio inteiro como fazendo, a um e ao outro, uma fronteira, mas justamente por não terem nada em comum, como a água e a areia. A letra, então, é litoral entre o gozo e o saber, marcando assim, suas diferenças. Tem a função de desenhar a borda do buraco no saber, demarcando sua incompletude, ou seja, entre gozo e saber a letra se constitui como litoral, aquilo que faz limite porque não há nada em comum entre os dois.

Lacan fala, neste momento, da letra pulsional ligada a uma função prévia, atribuída ao Isso, ao Real enquanto impossível, “aquilo” que escapa a toda tentativa de simbolização.

Como o inconsciente - que é efeito de linguagem - comanda esta função da letra: fazer limite entre o gozo e o saber?

Sendo a letra um instrumento próprio à inscrição do discurso, simboliza os efeitos de significante (metáfora e metonímia), mas não se constitui como esses efeitos, pois, letra e significante são feitos de cepas diferentes. A letra vai ser, então, o próprio suporte material que o discurso toma da linguagem, suporte material do significante. É a letra, a partir da dimensão do Real, que vai dar consistência ao significante.

Admirado com as marcas/traços encontrados nos objetos antigos, Lacan (1995-1996) se utiliza dessa referência para falar da existência de uma escrita anterior à escrita cuneiforme, uma escrita formada por “marcas em estado de ruínas”. O inconsciente lê essas marcas e as escreve cifrando-as, e ao cifrá-las, as inventa.

Uma escrita que, segundo Lacan, é “apagada”. É esse procedimento de apagamento que constitui o recalçamento necessário à “escrita autoral”, uma vez que a forma que se vê imediatamente deve ser esquecida em benefício do som que a designa: “é como se apagássemos um lugar onde

não havia nada, mas somente por apagar, engendramos algo a partir do que foi apagado”, esclarece-nos Ritvo (2000, p.16)

Ora, não sendo a letra, de modo algum, do mesmo registro do significante, vimos que nada deve permitir confundi-los. O escrito, enquanto “escrita autoral”, não é o que decalca o significante, não possui primariedade face ao significante e não é a impressão deixada no papel. É muito mais do que isso.

Diferente do significante, a letra deve ser lida como uma carta... Mas “ler a letra” não é a mesma coisa que “bem ler”. Ler a letra significa ler para além do que é dito, ler nas entrelinhas, assim como o escrever autoral é mais do que deixar marcas no papel. Ler a letra é decifrá-la como um *rébus*, tomando-a como litoral, limite e não fronteira, entre o gozo e o saber.

É o próprio Lacan quem nos adverte em relação à borda do buraco no saber que a psicanálise designa como abordagem da letra. Não seria exatamente isso o que a letra desenha? Comenta Lacan:

O engraçado é constatar como a Psicanálise se obriga, de certa forma, em seu próprio movimento, a desconhecer o sentido daquilo que, no entanto, a letra diz “ao pé da letra” – é o caso de se dizer – quando todas as suas interpretações se resumem ao gozo. Entre o gozo e o saber, a letra constituiria o litoral. (LACAN, 1985, p. 113)

Para aquele que realiza um trabalho escrito como produto de um Cartel, alguma coisa diz nele, alguma coisa que lhe é nova, alguma coisa antes nunca visto, ouvido ou falado: alguma coisa da ordem do Real, atravessamento do objeto “a”, objeto responsável pela divisão do sujeito.

Neste instante, ele precisa fazer algo com isto: escrever, traçar, riscar o papel, tecer, e ao fazê-lo diz mais do que sabe e quer... diz algo da ordem do impossível, colocado em ato pelo movimento pulsional.

Neste contexto teórico, para o participante do Cartel, escrever significa dizer de si próprio, contornando o Real da existência, infindável porque está no “fora-sentido”. Ato de subjetivação, provocado pela angústia, mostração de um sujeito dividido, na tentativa de se fazer existir em cada letra-lixo, como resto, dejetivo derramado no texto.

Entendo que, para o participante do cartel, a “escrita autoral” tem um “sabor”, uma função singular, pois, afetado pelo único afeto que não engana, a angústia, tenta, incansavelmente, através da letra, borderar o Real.

Ali, onde há a invasão do Real no Imaginário, surge a angústia. Sendo o Significante Um (S1 - significante mestre) o que representa o Sujeito (\$) - sujeito barrado, sujeito do desejo) entre outros Significantes (S2 – rede de significantes), quando o Significante Um fracassa, surge a “escrita inventiva”, com a função/finalidade de dar conta da invasão do Real.

Tomando-a por este prisma, a escrita, que aqui chamo de “autoral” corresponde não só a um desaparecimento do sujeito escritor – o autor –, como também a um “saber em fracasso”. (Lacan 1995-1996, p.113).

O que a escrita rouba daquele que escreve? O seu nome próprio. A sua própria cena. Daí, a meu ver, a proposta de Lacan para a sua revista.

Quando não somos o que escrevemos, somos escribas ou escrevedores, a escrita desempenha um papel social, comunica algo para alguém. Esta seria a escrita burocrática, aquela cheia de normas, leis e

regularidades a serem seguidas. A escrita enquanto mordança, aquela que aprisiona e não instaura novas discursividades.

Quando somos o que escrevemos, nos *a*-rriscamos³: somos escritores, protagonistas da nossa própria obra. A escrita é chamada, então, a desempenhar um papel interrogativo, que vai ganhar uma nova significação no ato de escrever.

É na palavra escrita que a letra, naquilo que a letra pode ser lida, nas entrelinhas, carrega a verdade do Sujeito, sujeito do inconsciente.

Sendo assim, a escrita tem a função de “ancoragem”: o Sujeito, perdido, encontra-se na escrita daquilo que escreve, nos traços deixados no papel, naquilo que não se lê na letra impressa. Inscrevendo-se no que há de mais Real na letra - a própria letra - o sujeito escritor se apaga, fazendo surgir a função-autor, função que se constitui a partir do efeito do escrito, no próprio ato de escrever.

Aquele que escreve está submetido aos caprichos da letra: aquilo que não para de não se inscrever... a letra, ela mesma, enquanto letra pulsional, “deseja” ser escrita.

Quando algo acontece que nos coloca diante da ausência da falta, afetados, precisamos saber-fazer alguma coisa, precisamos inventar: uma das vias para essa invenção é a escrita.

Sim, no Cartel, escrevemos e escrevemos... Escrevemos porque tudo gira em torno da escrita que não é para ser compreendida. Uma escrita que advém do encontro com os pedaços do Real..

Singularmente, [diz Lacan] isso parece trazer o resultado de que não haja nada a defender do recalcado, pois o próprio recalcado encontra onde

³ *a*-rriscado: neologismo criado pela autora, para ratificar que, ao riscar a letra, o objeto causa do desejo (objeto *a*) se impõe.

se alojar por essa referência à letra. Em outros termos, o sujeito é dividido pela linguagem, mas um de seus registros pode satisfazer pela referência à escrita [Real] e o outro pelo exercício da palavra [Simbólico]. (LACAN, 1995-96, p. 121).

Esta é a condição da “escrita autoral”: sustentar-se em um discurso a que tudo escapa. Para o participante do Cartel, tentativa enfadonha, essa, de escrever o impossível... Mas é do campo desta impossibilidade que surge um certo efeito do discurso que rouba a cena daquele que escreve. É aí que está a função do escrito presente no produto de cada trabalho do Cartel: contornar o Real na tentativa de escrever o “inescrevível”.

Escrever de forma autoral é se deixar levar pela letra num movimento pulsional, presente em todo ato criador. É escrever de tal forma que o sujeito escritor, no ato da escrita, experimenta algo que lhe é próprio e que lhe é desvelado através do “mais além” das marcas deixadas no papel, culminando com o seu apagamento. É escrever com uma escrita que só é significada pelo próprio sujeito que a vivencia enquanto testemunho.

Em função de possuir características próprias, a “escrita autoral”, mesmo sendo uma escrita alfabética, não segue o formalismo e rigidez da “escrita comum”, porque não se trata do exercício da palavra, porque, como já colocado, não busca o reconhecimento do Outro. Sendo a sua lógica mais próxima da lógica que rege a linguagem oral, escrever o que lhe passa na cabeça, de forma mais autônoma possível, seria a aposta para o produto de cada Cartel. Seguindo-o, o participante não sucumbe às normas da “escrita comum”. Normas que são bastante rígidas quanto à forma, à ortografia e aos aspectos sintáticos, como estas que segui para escrever este texto. Enquanto na “escrita autoral” encontramos uma atitude de maior liberdade e menor restrição, pois, este tipo de escrita, apesar de não escapar

ao registro, como acontece com a oralidade, em função do seu aspecto *inventio*, escapa ao seu controle, transgredindo-o.

Um bom exemplo para elucidar estes aspectos é o das epifanias de James Joyce⁴⁴, escritor irlandês que, com sua escrita, revolucionou a literatura, introduzindo algo novo, jamais imaginado até então. Sabemos que as epifanias são frases interrompidas, desarticuladas, resíduos metonímicos, marcos sem memória, restos obscuros de uma cena, significações mortas onde não circula nenhum sentido novo, puro não-senso:

“A moça (com uma voz discretamente arrastada):

‘Ah sim... eu estava...na...I...greja’

O rapaz (bem baixo): ‘Eu...’(sempre muito baixo):

‘Eu...’

A moça (com doçura): ‘...Ah...mas...você...é

muito...malvado...’”(JOYCE, J. 1992, p. 147)

Estes fragmentos de diálogos, risos de uma velha, grito de uma freira, sem nenhuma elucidação ou relação com alguma coisa além deles mesmos, como no exemplo, um encontro entre uma moça e um rapaz, ouvido por Joyce ao virar uma esquina em Dublin, deveriam, segundo este autor, ser registrados pelos homens de letras com cuidado extremo, visto que, correspondendo às epifanias, são eles mesmos “os momentos mais delicados e evanescentes” do ato de escrever.

Assim, podemos dizer que, como na oralidade, na “escrita autoral” também pode acontecer que o escritor, intencionalmente ou não, rompa

⁴⁴ As epifanias fazem parte dos primeiros textos em prosa de Joyce. Textos que, segundo Millot (1993), cativam mais por seu valor enigmático do que pela poesia, e se apresentam, na sua maior parte, em forma de fragmentos de diálogos, desempenhando, para o escritor, uma função bastante singular. O próprio Joyce (1982) define a epifania em *Stephen Hero* como “uma manifestação súbita, quer na vulgaridade do discurso ou do gesto, ou em uma fase memorável da própria mente”.

Quarenta das epifanias de Joyce estão impressas e discutidas em *The Workshop of Daedalus*, de Robert Scholes e Ricard M. Kain (1965, p.3-34), segundo Millot (1993),

com a lógica da escrita comum, fazendo enumerações, repetições ou esboços, e colocando-as em posição de objeto gramatical, podendo o léxico, como na linguagem oral, variar de posição sintática, o que não deve ocorrer na escrita comum, dando-lhe, assim, o aspecto de descontextualização, de esvaziamento de significação simbólica.

Quanto à percepção também existem diferenças entre os dois tipos de escrita: na “escrita comum” percebemos a grafia das letras, as palavras gráficas e as frases ou parágrafos, buscando o escritor, com sua teoria, dar conta de um saber que, se também alojado no Real, cabe a ele buscá-lo.

Na escrita autoral, o escritor busca dar conta de um outro tipo de saber: aquele que, estando também no Real, se aloja em um outro lugar. É um saber que não se sabe, um saber que fica, de forma litoral, entre o Sujeito e o gozo, saber inconsciente. A escrita autoral é uma tentativa de dar conta desse saber que afeta o sujeito, saber do Real.

Assim, neste dispositivo chamado Cartel, respeitando o estilo de cada participante, é prudente procurar evitar “ensinar” um saber pré-digerido, pois, a nossa experiência já nos revelou que, um ensino que responde à demanda de aprender, no sentido de adquirir conhecimentos comuns, como é o ensino universitário, é um ensino que engana a ignorância, em vez dela se servir.

Um ensino sem crítica e questionamento permite um progresso de acumulação, mas produz efeitos esterilizantes e em nada contribuem para a produção do analista e progresso da Psicanálise.

Em contrapartida, a eficácia de um “ensino”, segundo a concepção de Lacan, não se mede senão pelos esforços de retomada que este “ensino” suscita, este talvez seja o *efeito de produção* a ser esperado no final de cada cartel.

Nesse sentido, a meu ver, o que Lacan propôs como trabalho final não foi um texto escrito que necessitasse de um conhecimento ligado a uma prática de escrita dirigida pelo seu uso social, contemplado pelo escrito formal, a partir de operações diferentes, na sua grande maioria visando, apenas, o mero reconhecimento, mesmo quando os textos são trabalhados dentro dos seus contextos teóricos. Mesmo quando estes textos trazem algo do sujeito, se diferem do escrito autoral. Aqueles, quando produzidos, são apresentados nas Jornadas, Congressos, não há nada que impeça; contudo, não se caracterizam como sendo um produto do Cartel.

De acordo com o que aqui coloquei, se a “escrita autoral” traz no seu bojo o conceito de gozo, desvela algo do sujeito que escreve, que, afetado pelo único afeto que não engana, a angústia, precisando fazer alguma coisa com isso: diante de uma página em branco, se deixa levar pela letra, encontrando nos traços derramados no papel, uma saída para que possa suportar a invasão do Real.

Escrever de forma autoral é escrever de forma gozosa, sofrida, onde o sujeito escritor, diferente do escriba e do escrevedor, diante do novo que se impõe, experimenta algo que lhe é próprio e que vai se manifestar através da própria letra tecida no texto.

É escrever de tal forma que, só aquele que escreve pode significá-la; portanto, a meu ver, é esse um dos motivos pelos quais o produto do Cartel não dá para ser discutido.

Escrever de forma autoral é escrever com um tipo de escrita que, diferente da “escrita comum”, não se oferece para ser avaliada ou analisada por um outro, assim como não deve ser usada para avaliar as competências daquele que escreve.

Nessa perspectiva, a “escrita autoral”, por ser um tipo de escrita que, por suas características e lógica, se distancia da “escrita comum”, resiste a ser domesticada.

Para terminar, entendo que cada Cartel deve ser um convite aberto à produção, onde cada um possa, a seu tempo e a seu estilo, por conta própria, na tentativa de dar conta da invasão daquilo que o afeta, tomar a palavra e fazer alguma coisa com isso... escrever, contribuindo assim para o avanço da Psicanálise.

Por último, quero dizer que é imprescindível compreender que escrever é algo perigoso, mas que é preciso **a**-riscar, o *a* riscar, porque, como nos disse Joyce:

“bababadalgharaghtakamminrronnkonnbronntonnrronntuonnthunntrovarrhounawnskwnt
oohooordenenhumuk!”

(Joyce – Finnegans Wake)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLOUCH, Jean. Letra a letra: transcrever, traduzir, transliterar. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud; Campo Matêmico, 1995. 280p.

HARARI, Roberto. Como se chama James Joyce? : A partir do seminário Le Sinthome de Jacques. Lacan. Salvador – BA: Ágalma; Rio de Janeiro: Campo Matêmico. 2002

LACAN, Jacques. Seminário X: a angústia. 1997a. (Seminário inédito traduzido pelo Centro de Estudos Freudianos do Recife para uso interno). 380p.

LACAN, Jacques. Seminário XVI: de um outro ao Outro. 2004. ...p. (Seminário inédito traduzido pelo Centro de Estudos Freudianos do Recife para uso interno)

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009

LACAN, Jacques. Seminário XX: mais ainda. 2. ed. rev. Tradução M. D. Magno. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985b. 201p. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 22 – RSI – Inédito – 1974/1975

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 23: o sinthoma - Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil, Jorge Zahar Ed. 2007

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 24 – O não sabido que sabe de um-equívoco é o amor – Inédito 1977/1978

LACAN, Jacques. Outros Escritos, Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil, Jorge Zahar Ed. 2003

LACAN, Jacques. Escritos, Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil, Jorge Zahar Ed. 1998

Lacan, Jacques. Sobre a experiência do Passe, 03-11-73, Intervenção de Lacan na sessão de trabalho sobre o Passe do Congresso da École Freudienne de Paris (1-4/11/73). Tradução: Alexandre Simões (Campo Lacaniano – Belo Horizonte; abril de 1999).

LACAN, Jacques. Lituraterra. In: id: De um discurso que não seria do semblante: Seminário 1971. Tradução Telma Corrêa da Nóbrega Queiroz Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, p. 108-123, 1995-1996b. Publicação não comercial para circulação interna. Tradução realizada a partir do original – D'un discours qui ne serait pas du semblant – publicado para uso interno pela Associação Freudiana Internacional.

LACAN, Jacques. Joyce o sintoma. Lacan. Joyce, o sintoma. Coimbra, Portugal: Escher, 1986. 1997b.

LACAN, Jacques. O seminário sobre “A carta roubada”. In: id: Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil. J. Zahar, 1998a. p. 13-68.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem. In: id: Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil/J. Zahar, p. 238-324, 1998c.

TRECE, Liane. UFBA – FACED – PPGE O sabor da escrita para aquele que escreve: uma leitura psicanalítica Referências – p. 231-241 237

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão depois de Freud. In: id: Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil/J. Zahar, p. 496-536, 1998d. 937p.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: id: Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil/J. Zahar, p. 807-842, 1998e.

MILLOT, Catherine. Epifanias. Tradução Claudia Moraes Rego. Retratura de Joyce: uma perspectiva lacaniana. Letra freudiana - escola, psicanálise e transmissão. ano XII, n. 13. Rio de Janeiro: 1993. 208p. p. 144-150. Publicação da Escola Letra Freudiana para circulação interna.

MILNER, Jean-Claude. A obra clara: Lacan, a ciência e a filosofia. Tradução Procópio de Abreu. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996.

POMMIER, Gérard. A instância da letra no inconsciente e escritura. In: id: Nacimiento y renacimiento de la escritura. Tradução dos membros da Escola de Psicanálise de Campinas.. Campinas: Escola de Psicanálise de Campinas. 2002a. (Publicação autorizada pelo autor, sem revisão. Inédito). Naissance et renaissance de l'écriture. Paris: Presses Universitaires de France, 1993. cap. 7.

POMMIER, Gérard. Nacimiento y renacimiento de la escritura. Revista Litoral, São Paulo: Escola de Psicanálise de Campinas, n. 5, p. 11-30, 2002b. Semestral.

RITVO, Juan B. Conferência: o conceito de letra na obra de Lacan. Tradução Ângela A. Matheus. Revista da Escola Letra Freudiana. A prática da letra. ano XIX, n. 26, 2000. p. 9- 26.

SOUZA, Aurélio. Revista Topos. Espaço Moebius. 1997

SOUZA, Aurélio. Os discursos da psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.